

MÚSICA NA ESCOLA: ENTRE O APOLÍNEO E O DIONISÍACO

LEILA YURI SUGAHARA¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir as concepções presentes nas representações que os alunos de Cursos de Licenciatura – futuros professores – têm sobre a Música na Escola. Apresenta o uso de imagens como possibilidade metodológica em pesquisas na área de Educação e Educação Musical. Propõe uma reflexão sobre as possibilidades de atuação do professor de Música na Escola de Ensino Básico, a partir dos resultados da pesquisa realizada no doutorado², apontando para a necessidade de oferecer subsídios formativos que possibilitem a superação da dicotomia existente entre o caráter apolíneo e dionisíaco da música no contexto da Escola.

Palavras-chave: Música na Escola; Formação de professores; Pesquisa qualitativa com imagem.

ABSTRACT

The present article aims to discuss the conceptions present in the representations that students of undergraduate courses - future teachers - have about Music in the school. It presents the use of images as a methodological possibility in researches in the area of Education and Music Education. It proposes a reflection on the possibilities of performance of the Music teacher in elementary school, based on the results of the research carried out in the scope of the doctorate, pointing to the need to offer training subsidies that make it possible to overcome the dichotomy existing between the Apollonian and dionisíaco of the Music in the context of the school.

Keywords: Music at school; Teacher training; Qualitative research with image

¹Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP; professora e coordenadora de Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Música da Faculdade Cantareira; ministra as Disciplinas de Prática de Ensino, Psicologia da Educação e Fundamentos de Arte-educação.

²Tese intitulada “Música e Música na Escola: um estudo das representações sociais de estudantes de Pedagogia e de Música a partir da escuta musical”, defendida em 2013, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a preparação dos profissionais de Música para a docência tem se mostrado uma tarefa complexa. A falta de consenso sobre o papel da Música na Escola e as diferentes concepções que gestores escolares, professores, alunos e pais de alunos têm sobre Música provocam uma série de inquietações e questionamentos acerca das expectativas, possibilidades e limites do seu ensino.

Uma dessas inquietações são os frequentes relatos sobre o desinteresse dos alunos pelas aulas de Música na Escola, enquanto fora do contexto escolar, esses alunos gostam de ouvir Música, cantam, almejam aprender a tocar ou já tocam algum instrumento musical. O interesse por Música, no cotidiano, pode ser observado nos inúmeros vídeos veiculados na *Internet*, de jovens tocando e cantando, individualmente ou em grupo (CUNHA, 2011; POPOLIN, 2010).

Uma concepção dionisíaca da Música emerge das imagens disseminadas diariamente na mídia de massa e se encontra claramente relacionada ao princípio do prazer.

Aristóteles também estava preocupado com a função da Música em seu tempo que, como forma de diversão, estava ligada aos “prazeres vulgares”, nos banquetes e nas festividades, e acreditava que os músicos profissionais se preocupavam mais em “fazer Música” para divertir os ouvintes do que necessariamente para ser bons músicos. Nesse sentido, deviam-se educar as crianças desde cedo para que aprendessem a apreciar boa Música, condição para serem bons cidadãos.

A Música é descrita por Aristóteles em **A política** como forma de lazer e fonte de prazer do homem livre, porque “é o princípio de todos os encantos da vida”.

Essa visão hedonista de Aristóteles sobre a Música se estende também à Educação, tendo em vista que “A música é uma excelente parte da Educação e deve ser ensinada às crianças, senão como necessária ou útil para ganhar a vida, pelo menos liberal e honesta. É a música a única no gênero dos talentos agradáveis [...]” (ARISTÓTELES, 2006, Livro II, p. 81-2).

Na obra **República**, Platão parte do modelo da *harmonia das esferas* para discursar sobre a cidade ideal. Preocupado com a manutenção da ordem social da nova *pólis*³, recomendava a utilização dos instrumentos de Apolo⁴, como a lira e a cítara, rejeitando os instrumentos de muitas cordas, como a harpa e o aulos (instrumentos de Dionísio) que poderiam produzir harmonias⁵ indesejadas e, conseqüentemente, comportamentos inadequados para o bom cidadão da *pólis*. Os guardiões deviam ser os responsáveis por zelar pela boa música e pela boa Educação, a fim de garantir o equilíbrio da *pólis* (PLATÃO, 2006, Livro II).

De certa maneira, Platão e Aristóteles compartilhavam ideias semelhantes acerca da Educação ideal do jovem cidadão da *pólis*.

Se antes do período clássico grego, a Música era considerada somente em sua função ritual, feita para os cultos a Apolo e a Dionísio, no período clássico de Platão e Aristóteles, passa a desempenhar outras funções na vida social da *pólis*, dando novo sentido ao termo *mousiké*⁶.

³ “*Pólis*: cidade; cidade-estado; reunião dos cidadãos em seu território e sob suas leis. Dela se deriva a palavra política (*politikus*: cidadão, o que concerne ao cidadão, os negócios públicos, a administração pública)” (CHAUÍ, 2002, p. 509).

⁴ Pela Mitologia Grega, Apolo era o Deus da luz e da palavra, patrono da filosofia, enquanto Dionísio era o Deus do êxtase e do entusiasmo, considerado o protetor das BELAS ARTES e conhecido como Baco (latim).

⁵ O termo *harmonia* para os gregos tinha um sentido diferente da Linguagem Musical moderna. Está relacionado à ideia desenvolvida por Platão de *harmonia das esferas celestes*. “Ele designa não só a relação e a disposição dos intervalos entre as notas da melodia, mas também a afinação, a altura do som, o andamento melódico, as cores, a intensidade, o timbre da música. Os diferentes grupos de harmonia compõem os ‘modos’ musicais” (PLATÃO, 2006, p. 113 – Nota de rodapé de Daniel R. N. Lopes).

⁶ A Música ocupava lugar central na sociedade grega antiga de forma complexa, já que também não era concebida dissociada de outros saberes. O estudo da Música envolvia o aprendizado da lira e de outros instrumentos musicais como cítara e flauta, o canto e a declamação de poesias; estudo esse indissociável da dança, que educava o corpo. Assim, a Educação grega compreendia duas partes essenciais: *gymnastiké* (ginástica) para o corpo e *mousiké* (música) para a alma. Música se referia à cultura do espírito em geral, que não era separada da cultura física, uma conduzia à outra, isto é, a Música como expressão dos sentimentos era capaz de guiar condutas e vontades (MANACORDA, 1999).

A Música cívica, de caráter apolíneo, apresentava-se como a Música mais adequada para a Educação de jovens e crianças, em detrimento da música de caráter dionisíaco.

Essa forma de pensar, mais tarde, mostrará seus reflexos com o desenvolvimento de duas vertentes musicais que coexistirão na tradição ocidental: uma ligada à música praticada dentro das Igrejas e dos Monastérios (que dará origem à Música clássica), caracterizada pelo desenvolvimento de um “saber técnico/teórico musical” e outra que se referia às Músicas “profanas” e “populares”, de tradição oral.

O APOLÍNEO E O DIONISÍACO NO ENSINO DE MÚSICA DO BRASIL

Algumas questões relativas às Políticas Públicas em Educação no Brasil, no campo do currículo e da formação de professores, também devem ser consideradas.

Até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394, de 1996, os alunos da Educação Básica, no Brasil, foram privados durante trinta anos do ensino de Música na Escola.

Nesse período, o ensino de Arte ficou restrito, na maioria das vezes, às Técnicas de Produção das Artes Visuais. Enquanto isso, o ensino de Música ocorria fora da Escola de Ensino Básico, em Escolas especializadas, nos Cursos Livres ou Técnicos de Música que tinham como foco a formação do instrumentista musical. Prevalencia o modelo mecanicista de Educação, que orientava para um ensino de caráter dicotômico entre o estudo técnico de um instrumento e a teoria musical, revelando uma concepção apolínea da música.

O ensino de Música volta a compor o currículo da Educação Básica com a sanção da Lei nº 11.769/2008, que altera a LDB nº 9.394/96, tornando o ensino da Música componente obrigatório do ensino da Arte.

Uma nova alteração da LDB nº 9.394/96, por meio da Lei nº 13.278/2016, inclui as Artes Visuais, a Dança e o Teatro também como componentes obrigatórios.

A obrigatoriedade do ensino de Música na Escola pressupõe a superação do paradigma tecnicista do ensino da Música e da dicotomia entre a concepção apolínea e dionisiaca da Música, a fim de atender às necessidades de seu ensino coletivo no contexto escolar.

A LDB nº 9.394/96 define as Diretrizes Curriculares Nacionais e propõe os princípios norteadores da nova proposta curricular para a Educação Básica, por meio da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e Médio e dos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil.

No final de 2017, esses documentos foram substituídos pela aprovação e homologação da Base Nacional Curricular Comum⁷ (BNCC), que traça novos princípios éticos, políticos e estéticos que estabelecem conhecimentos, competências e habilidades que devem ser desenvolvidos pelos alunos ao longo de todo o Ensino Básico.

Nesse documento, a Música é tratada como um componente da Arte. E a Arte passa a compor o eixo da Linguagem, juntamente com a Língua Portuguesa, a Educação Física e a Língua Inglesa no Ensino Fundamental.

Na Educação Infantil, a Música permeia todos os eixos de desenvolvimento e aprendizagem.

CONCEPÇÕES QUE OS FUTUROS PROFESSORES TÊM SOBRE MÚSICA NA ESCOLA

A pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma Instituição de Ensino Superior particular da cidade de São Paulo; participaram da pesquisa, 242 estudantes: 81 estudantes de

⁷ Em 20 de dezembro de 2017, as etapas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental foram homologadas pelo ministro da Educação, Mendonça Filho. De acordo com o planejamento do MEC, a previsão é que a etapa de Ensino Médio da Base seja enviada ao Conselho Nacional de Educação (CNE) no primeiro semestre de 2018.

Licenciatura em Pedagogia, sendo 33 ingressantes e 48 concluintes; e 163 Licenciandos em Música, dos quais 123 ingressantes e 38 concluintes.

Foram aplicados dois questionários: um de perfil e outro contendo uma questão de associação livre a partir da escuta de três músicas de gêneros diferentes, questões abertas e fechadas e uma questão de classificação de imagens. Nos limites do presente artigo, será apresentada apenas a análise e os resultados da questão de classificação de imagens.

A utilização de imagens em pesquisas qualitativas é um recurso metodológico facilitador no processo de produção de sentidos e possibilita apreender a subjetividade implícita nos diferentes discursos (BANKS, 2009; COLLIER, 1973).

Técnica de classificação de imagens

Com o objetivo de fazer emergir as concepções dos estudantes de Licenciaturas sobre Música e apreender as atitudes dos participantes em relação à Música na Escola, optou-se pela utilização de imagens que pudessem ilustrar diferentes situações em que a Música poderia estar inserida no contexto escolar.

A questão de classificação de imagens (fotografias) sem título consistiu na apresentação de oito imagens impressas em uma única folha, que deveriam ser classificadas de 1 a 8, de acordo com a maior ou a menor proximidade com a ideia de Música na Escola, sendo 1 a mais próxima e 8 a menos próxima, às quais deveriam também dar um título (para cada uma das imagens).

Para a análise da questão que envolvia a classificação das imagens/fotografias (sem título), realizou-se uma seleção das respostas, tendo em vista que as respostas incompletas não poderiam ser analisadas. Portanto, foram selecionadas apenas as respostas que continham todos os títulos atribuídos pelos participantes às imagens, e cuja classificação havia sido realizada corretamente.

Sendo assim, o índice de descarte do total de questionários, para essa questão, foi de 12%. Em seguida, foram construídos oito Quadros (um para cada imagem) contendo o número de ordem atribuída à imagem e o título dado a ela.

Os títulos foram classificados de acordo com a atitude em relação à imagem e ao contexto da Escola, se positiva, negativa ou indiferente. Um exemplo do Quadro (amostra incompleta) elaborado está a seguir:

Quadro 1 – Respostas da Imagem 1.

Imagem 1 – BAILE <i>FUNK</i> EM UMA ESCOLA PÚBLICA											
TURMA MÚSICA 1S			TURMA MÚSICA 5S			TURMA PEDAGOGIA 1S			TURMA PEDAGOGIA 7S		
4	Na balada	I	7	<i>Funk</i> também é música	P	7	<i>Funk</i>	I	3	Versatilidade	P
6	Participação	P	7	<i>Funk</i>	I	7	Aprendendo as danças	P	8	Indisciplina	N
6	Cultura na favela carioca	P	7	Pintando o 7	P	8	Pancadão	I	8	Não traz nenhuma educação	N
7	Dança	P	8	Pancadão <i>funk</i>	I	8	Sem cultura alguma	N	8	Usar a música de forma errada	N
7	Perdidos na noite	N	8	<i>Funk</i>	I	8	Música do mundo de hoje	I	8	<i>Funk</i>	I
7	Falta muita informação	N	8	Deturpação de um grande estilo	N	8	Pior dos piores	N	8	<i>Funk</i>	I
7	Baile <i>funk</i>	I	8	Festa	P	8	Ritual de magia	I	8	Agressividade e desinteresse	N
8	Expressão musical no intervalo	P	8	Não é música	N	8	Sem noção de música	N	8	Baladas prazerosas	P
8	Cenas de <i>funk</i>	I	8	Apocalipse	N	8	Os vulgares	N	8	Música em grupo	P
8	Música sem pudor	N	8	Aula de dança, <i>funk</i> e ritmo	P	8	<i>Funk</i>	I	8	<i>Funk</i>	I
8	Bagunça no intervalo	N	8	Violência	N	8	Indução à prostituição	N	8	Decadência	N
8	Música e dança	P	8	Cultura inútil	N	8	<i>Funk</i> não o faça	N	8	Música mundana	N
8	Não construtivo	N	8	Baile	I	8	Festa de rua	P	8	Festa não escolar	N
8	Questões culturais	P	8	Mentes despreparadas	N	8	Aprendendo com a música	P	8	Baile <i>funk</i>	I
8	Está tudo errado	N	8	Sem fundamento	N	8	Pornografia	N	8	Pancadão	I
8	<i>Funk</i>	I	8	Depravação	N	8	A perdação	N	8	Aprenda dançando	P
8	Vergonha	N	8	<i>Funk</i> carioca	N	8	Baile <i>funk</i>	I	8	<i>Funk</i>	I
8	Baile <i>funk</i> na escola	I	8	Será que dá tempo?	N	8	Brincar e dançar	P	8	Nem tudo é música	N
8	Outra realidade	I	8	Liberdade expressão	P	8	Sem contexto	N	8	A realidade nos dias de hoje	I
8	<i>Funk</i> na escola	I	8	Expressão corporal	P	8	Pegação	N	8	Desagradável	N
8	<i>Funk</i> pornografia do Rio	N	8	Falta de respeito	N	8	Música extravagante	N	8	Modismo	N

Fonte: elaborado pela autora.

Legenda: I = Indiferente N = Negativo P = Positivo

Análise das imagens

A análise desses dados procura contemplar as seguintes dimensões: a identificação da imagem mais próxima de *música na Escola* por cada grupo participante desta pesquisa (Pedagogia ingressante, Pedagogia concluinte, Música ingressante e Música concluinte) e a atitude com relação às imagens.

As imagens foram selecionadas de maneira a contemplar as diferentes situações em que a Música poderia estar presente na Escola, em todos os níveis de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A seguir, a descrição e a análise das oito imagens/fotografias⁸ selecionadas para este trabalho.



Imagem 1 – Funk na Escola.

Fonte: Site *picasaweb* – Crédito da foto: José Patrício/ Agência Estado/ AE. Disponível em: <https://picasaweb.google.com/lh/photo/LMpSSbal2HTrth_By_6ixtMTjNZETYmyPJy0liipFm0>. Acesso em: 23 fev. 2012.

A imagem 1 retrata um baile *funk* realizado em uma Escola Pública. O *funk* representa uma das manifestações musicais mais conhecidas em todos os lugares do Brasil e em todas as camadas sociais.

Foi escolhida com o objetivo de apreender as representações dos participantes sobre o universo da Música ligada aos jovens (alunos do Ensino Médio) e o seu grau de aceitação.

A imagem 1 foi considerada a imagem mais distante de *Música na Escola*, em 94% do total de respostas válidas. Apesar do grande índice de rejeição ao *funk* na Escola, os títulos dados pelos participantes revelam que existe certo nível atitudinal positivo, ao se atribuir a esse gênero musical uma função de expressão das emoções, função de entretenimento ou diversão e uma função de reação física.

⁸ No questionário, as imagens/fotografias foram apresentadas sem nenhuma descrição, nem título.

Títulos positivos atribuídos à imagem 1: *Liberdade de expressão; Expressão corporal; Versatilidade; Brincadeira musical, Expressão musical no intervalo.*

O gênero *funk* é aceito no contexto escolar como uma forma de lazer, mas apenas no horário do intervalo.

A atitude negativa se encontra associada à imagem da marginalidade. Essa representação do *funk* é revelada pelos seguintes títulos atribuídos à imagem 1: *violência, pornografia, indução à prostituição, música desprovida de instrução, transtorno, briga na favela* (ARRUDA *et al.*, 2010)

Como gênero musical, o *funk* surgiu na década de 1960, na América do Norte, cujas características são ritmo bem marcado e arranjos transgressivos.

O *funk* foi introduzido no Rio de Janeiro, no início da década de 1970, nos chamados “Bailes da Pesada”, promovidos pelo DJ Ademir Lemos e pelo MC Big Boy e eram realizados, inicialmente, na Casa de espetáculos “Canecão”. Esses bailes foram, posteriormente, transferidos para o subúrbio, multiplicando-se pelos bairros de classe baixa, dando origem a todo um contexto cultural ligado ao movimento *Black* (ESSINGER, 2005).

Os estudantes de Música revelam certo grau de conhecimento sobre o *funk* como gênero musical, ao escreverem que: *Funk também é música; Questões culturais; Ritmo atual; Cultura de região; Deturpação de um grande estilo.*

O reconhecimento de que esse gênero musical faz parte do universo cultural do aluno possibilita a aproximação do professor a ele e permite que se façam escolhas mais conscientes do repertório a ser trabalhado em sala de aula, de forma crítica, permitindo o desenvolvimento das estratégias adequadas que possam promover a ampliação do repertório cultural dos alunos.



Imagem 2 – Show de *rock* na Escola.

Fonte: Revista Nova Escola *on-line*. Disponível em: <<http://rockcontraocrack.blogspot.com/2009/10/escola-moisés-bezzi.html#!/2009/10/escola-moisés-bezzi.html>>. Acesso em: 23 de fev.2012.

A imagem 2 foi feita durante um *show* de *rock* que aconteceu em uma Escola, como parte de uma ação de conscientização contra o uso de drogas, intitulada *Rock* contra o *crack*.

Essa imagem também foi escolhida para apreender as atitudes em relação à cultura musical juvenil. Grande parte dos estudantes de Licenciatura em Música também é, ou pretende ser, músico profissional e, nesse sentido, muitas vezes reproduzem as suas práticas no âmbito da Escola ou lecionam em Cursos Livres de Música, local que privilegia a prática de banda ou o ensino de gêneros populares entre os jovens, como o *rock* (JANOTTI JUNIOR, 2003).

A imagem 2 também foi indicada como distante da ideia de Música na escola, principalmente, pelas estudantes de **Pedagogia concluintes**, já que 52% classificaram como 7 em uma escala de 1 a 8, sendo 8 o mais distante de Música na Escola.

Mas os títulos atribuídos à imagem 2, mesmo os classificados como distantes da ideia de Música na Escola, indicam atitude positiva quanto à atividade musical representada pela imagem: *descobrimo o gosto pela Música, descobrimo talentos, a Música e a formação do aluno, prazer na Escola, festival de Música, rock, música pop, oficina da Música, coral infantil, apresentação*.

O potencial formativo da atividade musical representada na imagem 2 é revelado pelas seguintes associações: *música é igual à juventude, jovem também*

é emoção, forma jovens, música aprendiz, trabalhando em equipe, organização, aprendizagem, prazer do que faz, vivenciar a música e forma de se expressar.

As **estudantes de Pedagogia, tanto ingressantes quanto concluintes**, parecem reconhecer o potencial formativo da atividade representada na imagem 2, principalmente, para os jovens, mas ainda não a aceitam como uma atividade própria para o contexto escolar, ou pelo menos, não como uma atividade curricular.

Nenhum **estudante de MÚSICA concluinte** considerou a imagem 2 como próxima de Música na Escola.

Os títulos atribuídos pelos **estudantes de Música dos dois grupos**, ingressantes e concluintes, aproximam-se, na medida em que revelam a ideia de que uma apresentação musical é vista como um produto final e não como parte de um processo educativo musical ou como um divertimento e como atividade extracurricular, como escreveram os estudantes: *show não é ensino, entretenimento, atividade complementar, festa entre colegas, um dia de estrela, banda de garagem, divertir-se, festival de bandas, sarau de bandas, rock fest escola.*

Essa ideia é muito comum nos Cursos Livres de Música, nos quais os estudantes “treinam” durante certo período e apresentam o resultado desse “treino” na forma de Apresentação Pública, como pode ser observado nos títulos dados pelos estudantes de Música: *recital bimestral para alunos e mestres, apresentações do show, audição, ensaio geral, apresentação final e treinando instrumentos populares.*



Imagem 3 – Aula de percussão na Escola.

Fonte: Revista Nova Escola *on-line*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/corpo-musical-429664.shtml>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

A imagem 3 é uma foto ilustrativa de uma matéria do *site* da Revista Nova Escola, intitulada “O corpo como instrumento musical”. Trata-se de uma preparação para uma banda de lata na escola com atividades de percussão corporal. Por meio dessa imagem, busca-se apreender como os participantes da pesquisa concebem as atividades musicais possíveis de serem realizadas no contexto escolar.

A imagem 3 foi considerada como sendo distante da ideia de Música na Escola por 43,5% dos estudantes de Música ingressantes. Essa porcentagem cai entre os estudantes concluintes (19,5%), indicando mudança de postura com relação às atividades envolvendo a percussão no decorrer do curso.

Os títulos atribuídos à imagem 3, como sendo próxima de Música na Escola, revelam que os estudantes de Música consideram a atividade retratada nessa imagem possível de ser realizada na Escola: *noções rítmicas, jogos musicais, música com sons do dia a dia, conhecendo a música, primeiros passos, improvisação, todo mundo participando, percussão na escola, música na escola, sons do corpo e musicalização em grupo*.

O termo percussão não foi citado nenhuma vez pelas estudantes de Pedagogia, cujos títulos atribuídos à imagem 3 foram: *fanfarra, Hino Nacional, batucada, bandinha, Olodum, Timbalada, capoeira, ritmo, música regional, música cultural e movimento cultural*.

Esses títulos revelam quais são as referências musicais que as estudantes de Pedagogia possuem, bem como as atividades que conhecem, relacionadas à Música no contexto escolar.



Imagem 4 – Apreciação musical na Escola.

Fonte: Revista Nova Escola *on-line*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/escola-novo-ritmo-493329.shtml>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

Esta imagem foi escolhida para ilustrar a possibilidade que a Música oferece para o exercício da apreciação musical na Escola. A apreciação musical é muito valorizada nos Cursos de Formação de Professores de Música, visando à ampliação do repertório musical e cultural dos alunos desses cursos.

A imagem 4 é uma imagem ilustrativa de uma matéria sobre Gestão Escolar, do *site* da Revista Nova Escola, intitulada “Uma Escola trocou a sirene por música”.

Os títulos atribuídos à imagem 4 pelas estudantes de Pedagogia ingressantes e concluintes revelam atitude positiva com relação à escuta musical na Escola.

Essa atitude positiva é revelada pelos seguintes títulos atribuídos à imagem 4: *formando as aulas criativas, levando recursos musicais, diferentes formas de música, boas referências musicais, usando a criatividade, ampliação de repertório, ritmos brasileiros na sala de aula e ensinar com música.*

Os gêneros e os estilos musicais citados pelas estudantes nos títulos foram: *música brasileira, jazz, clássico, música jovem, música urbana e grupo musical Palavra Cantada.*

Observou-se uma predominância na menção de atividades relacionadas à apreciação musical nos títulos atribuídos à imagem 4 pelos estudantes de Música, tanto ingressantes, quanto concluintes, revelada pelos seguintes títulos: *apreciação musical, escuta musical, escuta apurada, análise de músicas, aprendendo a escutar música na escola, apreciação de gêneros diversos, conhecendo compositores, desenvolvendo o gosto musical, apresentação de estilos musicais.*

O único gênero musical explicitado nos títulos, pelos estudantes de Música, foi o gênero *MPB* (Música Popular Brasileira).



Imagem 5 – Musicalização infantil.
Fonte: acervo pessoal.

A imagem 5 retrata uma aula de musicalização em uma Escola particular, no contexto da Educação Infantil.

Segundo Penna (2008), musicalizar significa oferecer os instrumentos perceptivos necessários para sensibilizar musicalmente uma pessoa, tornando o material sonoro significativo. Deve fazer parte da Educação Musical de qualquer pessoa, em qualquer idade, mas a sua prática no contexto da Educação Musical no Brasil encontra-se muito associada ao ensino de Música para crianças.

Busca-se apreender os elementos que podem constituir a representação que os participantes venham a ter da Música no contexto do ensino de Música para crianças.

Do total de respostas válidas (estudantes de Música e de Pedagogia, ingressantes e concluintes), 67,3% indicaram a imagem 5 como sendo a mais próxima de Música na Escola.

Esse resultado indica que tanto o grupo de estudantes de Música, quanto o de Pedagogia associa o ensino de Música na Escola ao contexto da Educação para crianças.

O termo Musicalização Infantil foi o mais citado nos títulos atribuídos pelos estudantes de Música e as estudantes de Pedagogia descreveram as seguintes atividades com música na escola: *roda de música e relaxamento*.



Imagem 6 – Música e movimento na Escola.

Fonte: Revista Nova Escola *on-line*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/entre-roda-ciranda-movimento-danca-538400.shtml>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

A imagem 6 ilustra uma dança divertida proposta como atividade de Música e movimento em uma Escola Pública de Educação Infantil. Tem por objetivo verificar se os participantes desta pesquisa consideram o movimento como sendo parte da Música no contexto escolar, bem como identificar a atitude com relação ao movimento e à Música na Escola.

Algumas metodologias musicais ativas, como as propostas de Dalcroze ou Orff, citadas por Fonterrada (2003), propõem uma Educação Musical pela qual o movimento é parte fundamental do processo de musicalização. O RCNEI⁹ também propõe uma abordagem conjunta da Música e do movimento.

A imagem 6 foi indicada por 53% do total das **estudantes de Pedagogia ingressantes e concluintes** como próxima de Música na Escola.

Os títulos atribuídos pelas estudantes de Pedagogia à imagem 6 revelam que, para essas estudantes, o ensino da Música está associado ao movimento. Entre as atividades observadas a partir dos títulos, destacam-se: *brincadeiras e*

⁹

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

cantigas de roda, coreografias em ritmos musicais, relaxamento em grupo e expressão corporal.

O grupo de estudantes de Música concluintes também associou a Música ao movimento. Os resultados revelam que o movimento é aceito como parte do trabalho de Música na Escola, tanto pelas estudantes de Pedagogia ingressantes e concluintes, quanto pelos estudantes de Música concluintes, mas, prioritariamente, em situações em que exista controle.



Imagem 7 – Flauta-doce na Escola.

Fonte: Revista Nova Escola *on-line*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/musica-aprender-se-divertir-422851.shtml>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

A imagem 7 retrata uma professora ensinando flauta-doce para uma turma de 1ª série. O ensino de flauta-doce na Escola é uma das práticas mais conhecidas e disseminadas nas escolas brasileiras, principalmente, a partir do Ensino Fundamental.

Do total de **estudantes de música** (ingressantes e concluintes), 54% indicaram a imagem 7 como sendo próxima de Música na Escola.

Os estudantes de Música consideram a flauta-doce um instrumento adequado para o ensino de Música na Escola, o que pode ser observado nos seguintes títulos atribuídos à imagem 7: *música na escola, aula de música, musicalização em massa, percebendo a altura das notas, apresentando a disciplina musical, desenvolvendo noções de altura e relação grave e agudo.*

As estudantes de Pedagogia fizeram algumas associações segundo as referências de que dispõem, como o canto, por exemplo, observáveis nos seguintes títulos: *solte a voz, afina a corda vocal, flauteando e cantando*.



Imagem 8 – Ritmos africanos na Escola.

Fonte: Revista Nova Escola *on-line*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/pesquisa-ritmo-466966.shtml>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

A imagem 8 ilustra uma pesquisa realizada com ritmos africanos por uma professora e seus alunos de Educação Infantil, numa Escola Pública. A música como cultura também precisa contemplar os aspectos históricos e contextuais em que se insere. A análise das respostas para a imagem 8 apontou para um consenso dos dois grupos, de Pedagogia e de Música, ingressantes e concluintes, ao atribuírem os seguintes títulos: *quadrilha de São João, folclore, festa junina, dança regional e dança típica*.

A análise das imagens confirmou que tanto estudantes de Pedagogia, quanto estudantes de Música possuem representações diferentes para a música dentro da Escola e fora dela, principalmente, no que diz respeito à música como componente curricular. Para as estudantes de Pedagogia, ingressantes e concluintes, as imagens mais próximas de Música na Escola foram: a imagem 5 (Musicalização infantil) e a imagem 6 (Música e movimento).

Os estudantes de Música, ingressantes e concluintes, indicaram as imagens 5 (Musicalização infantil) e 7 (flauta-doce na Escola) como sendo as mais próximas de Música na Escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das imagens/fotografias revelou que os quatro grupos pesquisados rejeitaram o *funk* e o *rock* como integrantes de uma atividade curricular, ainda que as estudantes de Pedagogia reconheçam potencial formativo no *rock* e os estudantes de Música reconheçam a dimensão cultural do *funk*.

Outras representações que os estudantes possuem sobre Música, Educação e Escola, interferem nas representações sobre Música na escola.

Uma das representações diz respeito ao movimento provocado pela Música, que só é aceito na sala de aula, como parte da Educação Infantil.

Fora desse contexto, o movimento é visto como interferência negativa no processo de aprendizagem, o que denota uma visão de Educação voltada prioritariamente para o desenvolvimento cognitivo, apesar de reconhecerem a necessidade de um ensino que integre, também, as dimensões afetivas, motoras e sociais.

A Música foi descrita como um meio favorável para o desenvolvimento integral do aluno, por todos os grupos pesquisados. No entanto, os estudantes de Pedagogia ingressantes e concluintes e os estudantes de Música ingressantes indicaram que se a Música pode provocar movimento ou agitação, não pode fazer parte do contexto da sala de aula de crianças mais velhas e de jovens, sendo aceita apenas em atividades extracurriculares (Festivais, apresentações ou nas festividades escolares) ou que ocorram em espaços fora da sala de aula, como em aulas de Educação Física ou Teatro na Escola.

Essa visão limita o acesso dos alunos à Música e não permite que se possa desenvolver uma prática reflexiva da Música, tendo em vista que essas representações podem influenciar a escolha do repertório a ser trabalhado na Escola.

Nesse sentido, as representações se apresentam em conflito, entre um caráter ao mesmo tempo apolíneo e dionisíaco da Música, e entre a Música “fora

da Escola” e a Música para o contexto escolar, mais especificamente, própria para o contexto da sala de aula.

A superação dessa dicotomia depende da aceitação do movimento como parte da Educação também de crianças mais velhas e de jovens no contexto escolar, da ampliação do repertório musical desses estudantes, do conhecimento das metodologias e das estratégias de ensino de Música e, no caso dos estudantes de Música ingressantes, da transformação da visão tecnicista do ensino de Música, que privilegia o ensino de um instrumento musical, em abordagens pedagógicas voltadas às necessidades dos alunos.

Propõe-se uma ampliação das possibilidades formativas por meio da construção de projetos colaborativos nos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura em Música que permita a inserção da Música na Escola de forma mais abrangente e colaborativa, entre os profissionais das áreas de Pedagogia e Música.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ARRUDA, Angela *et al.* De pivete a funkeiro: genealogia de uma alteridade, **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 407-425, maio/ago. 2010.

BANKS, M. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** n. 9.394/96. Brasília: 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 jan. 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

_____. **Lei 13.278**, de 2 de maio de 2016. Altera a Lei n. 9.394/96, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino das artes visuais, da dança, da música e do teatro como as linguagens que constituirão o componente curricular de Arte. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13278.htm>. Acesso em: 10 jan. 2018.

_____. **Lei 11.769**, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n. 9.394/96, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Schwarcz, 2002. v. 1.

COLLIER, J. **Antropologia visual**: a fotografia como método de pesquisa. São Paulo: EPU – Editora da USP, 1973.

CUNHA, Fernanda Pereira da *et al.* **e-Arte/Educação Crítica: Interterritorialidade entre Design, Artes Visuais e Música**. **Anais... 5º CONAHPA – CONGRESSO NACIONAL DE AMBIENTES HIPERMÍDIA PARA APRENDIZAGEM**. Pelotas, 2011.

ESSINGER, Silvio. **Batidão: uma história do funk**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios**: um ensaio sobre música e educação. São Paulo: UNESP, 2003.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. Música popular massiva e gêneros musicais, **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 3, n. 7, p. 31-47, jul. 2006.

_____. **Aumenta que isso aí é rock and roll**. Rio de Janeiro: *E-papers*, 2003.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1999.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu Ensino**. Porto Alegre: Sulinas, 2008.

PLATÃO. **A República**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

POPOLIN, Állisson. **O que jovens do ensino médio aprendem de música através de suas experiências diárias de escuta**: um estudo de caso. I SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA – XV COLÓQUIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIRIO. Rio de Janeiro, 2010.

SUGAHARA, Leila Yuri. **Música e música na escola**: um estudo das representações sociais de estudantes de pedagogia e de música a partir da escuta musical. 2013. 240 p. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação). PUC – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.